

AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DE CONTUMIL (PORTO)

António Manuel S. P. Silva

CITCEM – UP
amspsilva@hotmail.com

ABSTRACT

The occasional discovery, in 1943, of three rock-cut graves, near Contumil (Campanhã, Oporto), was reported in the daily press but did not subsequently attract the attention of researchers. The descriptions, illustrated by two photographs, refer to three anthropomorphic graves, listed by the author of the main articles with an old chapel of the invocation of *São Martinho*, documented since the 11th century. There is no information about the fate of that archaeological find, probably destroyed by the urbanization and construction works of the *Bairro de Casas Económicas* of *São Roque da Lameira*.

Keywords: Rock-cut graves; Oporto; Medieval Funerary Archaeology

RESUMO

A descoberta ocasional, em 1943, de um conjunto de sepulturas escavadas na rocha, próximo do lugar de Contumil (Campanhã, Porto), foi noticiada na imprensa diária, mas não suscitou, posteriormente, a atenção dos investigadores. As descrições da época, ilustradas por duas fotografias, referem-se a três sepulturas antropomórficas, relacionadas pelo autor dos principais artigos com uma antiga capela da invocação de São Martinho, documentada desde o século XI. Não é conhecida informação sobre o destino daquele achado arqueológico, provavelmente destruído pelos trabalhos de urbanização e construção do Bairro de Casas Económicas de São Roque da Lameira.

Palavras chave: Sepulturas escavadas na rocha; Porto; Arqueologia funerária medieval

Duas monografias da freguesia portuense de Campanhã referem, de passagem, a propósito da localização da antiga igreja paroquial, o achado de sepulturas antigas no lugar de Contumil.

Na mais recente pode ler-se, sem outras referências, que «em 1943, no decurso de obras públicas em S. Roque da Lameira, precisamente no lugar do Calvário, apareceram três sepulturas antropomórficas, que indicaram ter sido este o lugar original da primeira igreja»¹. A segunda, claramente fonte da anterior, adianta mais alguns pormenores:

«Os jornais noticiaram que, quando em 1943 os pedreiros procediam a escavações, para a construção das Casas do Bairro de S. Roque da Lameira, precisamente no lugar do Calvário, apareceram três sepulturas antropomórficas, suspeitando-se que, neste lugar, tivesse sido a primitiva Igreja.»²

1 COSTA, 1991: p. 244.

2 MARTINS, 1965: p. 54; MARTINS, 1972: p. 7-8.

Curiosamente, este achado suscitou moderado interesse na ocasião, mas rapidamente caiu no esquecimento, pelo menos no plano científico – uma vez que não consta ter sido objeto de publicação, para além daquelas reportagens da imprensa. Entendemos por isso «resgatar» aquele achado e trazê-lo de novo a público com alguns comentários.

A descoberta ocorreu por volta das nove horas do domingo 14 de março de 1943, e de pronto o local foi visitado pela imprensa, tendo sido noticiado no dia seguinte, pelo menos, nos dois mais importantes diários portuenses, *O Comércio do Porto* e *O Primeiro de Janeiro*.

O Comércio divulgou a ocorrência a duas colunas, sob o título «Numas escavações, em Contumil, apareceram três pedras tumulares», encimada por fotografia, na qual se vê, com pouca nitidez, o que parece ser um afloramento rochoso com as sepulturas, rodeado por largas dezenas de curiosos (Fig. 1). A notícia, relativamente seca, mas canónica e suficiente nos critérios de levar a novidade ao leitor, informava sobre o achador, o local e as condições do sucesso, acrescentando no final que, dada a convicção de ali ter existido um cemitério, se iria proceder a novas escavações, e que «as autoridades» tinham comparecido no local, instruindo o achador «para não tocar nos aludidos túmulos até resolução superior».

Já *O Primeiro de Janeiro*, como então se abreviava, deu maior destaque à descoberta, chamando-a à primeira página com título longo a atrair a vista pelo uso de vários tipos e corpos de letra: «Sepulturas antropomórficas foram postas a descoberto na CIDADE DO PÔRTO, próximo da estação de Contumil». O desenvolvimento – desta vez acompanhado de uma fotografia melhor enquadrada e com melhor reprodução (Fig. 2) – é completamente diverso do texto do jornal anterior, pois não se trata de uma notícia, segundo as regras da profissão, mas antes de uma crónica sobre o achado, já que o articulista (que não assina) omite os dados mais básicos, como o *quem* e o *quando* da ocorrência, para se espraiair em considerações históricas e arqueológicas sobre o contexto e interpretação das sepulturas, não faltando até uma citação bibliográfica de Amorim Girão³.

Não mencionando qualquer medida cautelar ou de estudo dos achados, o autor da crónica conclui com uma nota – porventura algo irónica – que nada augura de bom para o que hoje se designaria como salvaguarda do património arqueológico: «Tudo isso, porém [as sepulturas], desvanecer-se-á sob o impulso renovador do Progresso, quando sobre esse terreno se abrir a ampla avenida que há de servir o moderno *centro populacional* daqueles formosos *bairros* de Casas Económicas...». Refere-se o texto à construção do Bairro de São Roque da Lameira e os itálicos são originais.

No dia seguinte, *O Primeiro de Janeiro* volta ao caso, desta vez sem ilustração, mas ainda na primeira página, com o título «As sepulturas antropomórficas postas a descoberto em Contumil vieram localizar, de algum modo, a primitiva sede da freguesia de Campanhã». O *lead* resume a notícia do dia anterior, precisando o local e esclarecendo o significado de “antropomórficas”; já o corpo, a duas colunas, claramente saído da mesma pena que assinara o texto do dia anterior, persegue a mesma linha de enquadramento histórico do achado.

Com base nestas três notícias de jornal⁴, podemos apurar vários elementos. Identifica-se o achador – António de Almeida Branco, «montante», residente em Pedrouços, então lugar da freguesia

3 GIRÃO, 1933: p. 123.

4 A localização destas notícias deveu-se inicialmente a pesquisa na série documental *Recortes de Notícias* (1933-1997) do Arquivo Histórico Municipal do Porto, tendo sido objeto de apresentação pública numa das edições da iniciativa *Documento do Mês* daquela instituição. Posteriormente, consultámos *O Comércio do Porto*, entre as datas de 1.1.1943 e 23.5.1943 (Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, V. N. Gaia). Para as pesquisas n’*O Primeiro de Janeiro*, indisponível ao público na Biblioteca Pública Municipal do Porto, agradecemos a colaboração de Paula Bonifácio, técnica daquela biblioteca, que numa pesquisa entre 1.3.1943 e 30.4.1943 não encontrou outras notícias além daquelas aqui elencadas. Amavelmente, o nosso amigo, jornalista e conhecido memorialista portuense, Sr. Germano Silva, fez também consultas nos arquivos do *Jornal de Notícias*, nada achando sobre o assunto nos dias imediatos ao achado. Não pesquisámos outra imprensa local ou nacional, não sendo impossível, por isso, que outras informações possam vir ainda a ser localizadas.

de Águas Santas (CP, 15)⁵ e as condições da descoberta: a extração de pedra, destinada às obras de construção do Bairro de Casas Económicas de São Roque da Lameira, num terreno que pertencia precisamente ao dito António Branco, informação que se colhe, unicamente, no *Comércio*, pois o *Janeiro* praticamente nada diz sobre este aspeto.

A localização precisa das sepulturas é difícil de determinar atualmente. O *Comércio* afirma sinteticamente que a descoberta se deu «no lugar do Calvário, em Contumil». O *Primeiro de Janeiro*, a 15 de março, explica com maior detalhe o sítio das descobertas:

- «entre os modernos *bairros* de Casas Económicas do Ilhéu e de São Roque, nas proximidades da estação ferroviária de Contumil, distende-se o planalto de S. Martinho, balizado por um modesto cruzeiro de granito, a recordar (...) o lugar onde outrora se destacava uma ermida daquela invocação patrocínica (...). Flanqueando esse lugarejo pelo lado oriental, o arborizado sítio do Calvário – que a tradição oral do povo matem [sic] ainda...faz lembrar também, no seu topónimo, a *via crucis* (...)».

A notícia refere, de seguida, as obras que estavam em curso para a instalação do Bairro de Casas Económicas de São Roque e os respetivos acessos, para explicitar que «um desses amplos caminhos deverá atravessar aquele planalto de S. Martinho, já na vizinhança da estação ferroviária [Contumil]», ideia que é reforçada no final, antecipando o momento em que «sobre esse terreno [do achado] se abrir a ampla avenida» de acesso ao bairro.

O mesmo jornal, no texto de 16 de março, repete, com outros pontos de referência, que o achado teve lugar «no planalto de S. Martinho, entre os ‘bairros’ de moradias económicas de Ilhéu e de S. Roque, a pequena distância da estação ferroviária de Contumil», detalhando ainda, mais adiante, que a localização das sepulturas se deu entre o «lugarejo» de Luzares e a estação de Contumil.

Se transcrevemos, de forma aparentemente repetitiva, todas estas indicações sobre a localização do conjunto sepulcral, é porque os autores das notícias – sobretudo as do *Janeiro* – se referem a uma paisagem das primeiras décadas do século XX, essencialmente rural, com bosques e signos religiosos profundamente evocativos, como o calvário, muito diferente do espaço urbano atual, intensamente construído, transformado, sendo hoje difícil identificar o «planalto de São Martinho» ou o antigo calvário, que era já memória em 1943.

Ainda assim, pela análise e sobreposição da cartografia de 1892 (levantamentos de Teles Ferreira), das séries da fotografia aérea de 1939-1940 e da cartografia e ortofotografias atuais, tentámos reconstituir o melhor possível o local do achado, tendo também efetuado algumas visitas aquela zona da cidade, sem grande sucesso no que se refere a qualquer memória ou tradição sobre o achado arqueológico, mas confirmando ainda a localização do antigo «Calvário» numa área sobreelevada⁶ onde, atualmente, a Rua da Senhora de Campanhã conflui com a Rua do Buçaco (Fig. 5). O que o autor das crónicas noticiosas d’*O Janeiro* identifica como «planalto de São Martinho» será certamente uma pequena elevação, delimitada pela curva de nível de 90 metros, confinante a noroeste com o canal ferroviário e a oeste com a ribeira de Cartes; o «planalto» encontra-se hoje ocupado quase na sua totalidade pelo primitivo Bairro de São Roque da Lameira, podendo circunscrever-se, grosseiramente, pela Rua de D. João Peculiar, a sul, e pela Rua de Valdevez a nascente

5 Como usámos apenas três notícias, abreviaremos as referências pelos títulos dos jornais (CP, *O Comércio do Porto*; e PJ, *O Primeiro de Janeiro*) seguidos do dia de publicação em março de 1943.

6 Prestou-nos valiosa colaboração para a preparação deste trabalho o nosso amigo e colega arqtº Luis Aguiar Branco, cuja especial acuidade para a interpretação da leitura das formas da paisagem através da cartografia histórica foi de grande utilidade. Numa das visitas ao local fomos acompanhados por este investigador e pela arqueóloga municipal Isabel Pinto Osório, a quem igualmente agradecemos o apoio.

(Fig. 5). A cartografia de finais do século XIX revela-nos um extremo do concelho caracterizado quase na totalidade por uma ambiência rural, sendo única nota dissonante a linha do caminho-de-ferro (Fig. 3). Já as séries de fotografia aérea dos voos de 1939-1940 (Fig. 4) mostram-nos precisamente a acentuada urbanização da área, particularmente à custa de vários bairros sociais que então se construíam ou planificavam de um e outro lado da Rua de São Roque da Lameira, um dos mais tradicionais eixos viários de acesso e saída da cidade. Numa destas imagens, datada de 1940, parece vislumbrar-se (embora a ampliação não possibilite o detalhe mais desejável) uma área esbranquiçada com toda a aparência de pedreira ou estaleiro de cantaria (Fig. 4), que coincide precisamente com aquela na qual, pelo cruzamento das informações, propúnhamos a hipotética localização do antigo sítio do Calvário⁷ e do achado arqueológico, que poderemos assim situar, genericamente, entre o topo da Rua Senhora de Campanhã, a sua confluência com a Rua do Buçaco e o lote compreendido entre a mesma Rua do Buçaco, a Rua de Montijo e a de Montes Claros (Fig. 5)⁸.

Quanto ao destino dado às sepulturas, nada se apurou. Não encontramos nas fontes consultadas qualquer referência à «resolução superior» na sequência da visita ao local das «autoridades» (CP, 15), nem tão pouco sabemos quais foram essas autoridades⁹. Assim, ou as sepulturas foram destruídas pela abertura da «ampla avenida» de acesso ao bairro» (PJ,16), que relacionamos com a Rua do Buçaco; ou poderão mesmo ter ficado total ou parcialmente conservadas em algum logradouro ou zona ajardinada, o que é difícil de avaliar sem outros dados¹⁰.

No que se refere à natureza das sepulturas, as três notícias dão-nos informes algo distintos. A curta nota do *Comércio do Porto* refere apenas «três túmulos vazios, em pedra, e de formato antigo», acrescentando a suposição de «que naquele local tenha existido um cemitério». Na imagem que acompanha a notícia (Fig. 1) vê-se o afloramento onde apareceram as sepulturas rodeado de populares, mas a perspetiva e a qualidade da reprodução não permitem observar com clareza a tipologia dos sepulcros.

Os dois textos do *Janeiro* fornecem dados mais interessantes: tratava-se de «algumas sepulturas antropomórficas, impecavelmente traçadas e abertas no saibro rijo» (PJ,15), adiantando-se depois que «foram postas a descoberto três sepulturas, havendo, no entanto, alguns indícios de que outras quási afloram à superfície do mesmo terreno» (PJ,15). Na exploração da descoberta, a 16 de março, o articulista especifica que

«se estava em presença de sepulturas rupestres, talhadas na rocha viva dum enorme bloco de granito e que se mantinham, na sua camada superficial e nas suas faces interiores revestidas duma espessa (...) camada de saibro muito rijo – afeiçoado, no entanto, no mesmo traçado daquele recorte antropomórfico» (PJ, 16)¹¹;

7 Não confundir com o local da mesma designação na aldeia de Contumil, para onde se dirigia o «caminho do Calvário» identificado em alguma cartografia e outros documentos antigos.

8 Esta será, pelas razões aduzidas, a área de maior probabilidade; devendo, contudo, para efeitos de salvaguarda arqueológica, considerar-se perímetro mais extenso, pois não só desconhecemos a extensão da necrópole, como também a localização da mencionada ermida de São Martinho.

9 Provavelmente, o local das sepulturas terá sido visitado pelos dois maiores historiadores portugueses do tempo, Pedro Vitorino, que morava próximo e coordenava então a instalação do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral; e Artur de Magalhães Basto, Chefe dos Serviços Culturais e Sociais da Câmara Municipal do Porto, diretor do Gabinete de História da Cidade e do Arquivo Distrital do Porto. Não encontramos qualquer nota ou apontamento sobre o achado de Contumil nas suas publicações; não obstante, suspeitamos que o autor das notícias do *Janeiro* possa ser uma destas personalidades.

10 Examinámos vários destes espaços naquela parte do bairro, mas nada observámos de relevante.

11 Ao contrário do que o autor do texto expressara no dia anterior, quando, antecedendo uma transcrição de artigo de Amorim Girão, escrevera que não se tratava «evidentemente, de *sepulturas rupestres*» (PJ,15).

acrescentando logo adiante que «duas dessas sepulturas são paralelas e quási geminadas» e ainda que «a ‘qualidade’ rupestre (...) é indício certo que aquelas sepulturas remontam a uma época muito remota» (CP,16). Por felicidade, a fotografia publicada neste diário no dia 15 tem melhor qualidade (Fig. 2), permitindo apreciar as duas sepulturas «paralelas» (sendo mais claro o recorte antropomórfico na cabeceira naquela que está em primeiro plano) e uma terceira, a pouca distância e aparentemente num outro alinhamento, a qual, sobre a cabeceira recortada apresenta pousado um pequeno bloco de pedra, talvez restos de cobertura ou apoio de cabeça (se bem que, para tal, pareça demasiado grande).

Desta forma, resumindo os elementos tipológicos, podemos assim descrever o achado arqueológico:

- a) Apareceram três sepulturas «talhadas na rocha viva dum enorme bloco de granito» (PJ,16);
- b) As sepulturas apareceram «vazias» (CP,15) e apresentavam «na sua camada superficial e nas suas faces interiores (...) uma espessa (...) camada de saibro muito rijo – afeiçãoado, no entanto, no mesmo traçado daquele recorte antropomórfico» (PJ,16);
- c) Na envolvente imediata identificaram-se «alguns indícios de que outras [sepulturas] quási afloram à superfície do mesmo terreno» (PJ,15);
- d) Os autores das notícias interpretam o achado como «um cemitério» (CP,15), «multi-secular», «medieval», «que, se não for anterior à construção daquela primitiva ermida de S. Martinho, deve ser, pelo menos, dos primórdios dessa época tão remota» (PJ,15), admitindo-se também ser «muito provável até que essas sepulturas tivessem sido abertas no próprio subsolo daquela antiga ermida» (PJ,15).

Sobre a arquitetura destas três sepulturas pouco podemos adiantar em face das imagens e informações destes artigos. A indicação de que apareceram «vazias» deve interpretar-se, talvez, no sentido de já não possuírem restos ósseos ou outros elementos que chamassem a atenção. Estavam inicialmente cobertas (presume-se) pelo solo vegetal, mas a indicação de que a primeira camada era composta de «saibro rijo», quase «petrificado», material que também revestia as paredes laterais, faz supor, por um lado, que foram naturalmente escavadas pelo achador; por outro, que a presença desse saibro – se não era resultante da degradação e meteorização naturais do granito – poderia resultar de uma colmatação, talvez original, dos sepulcros.

O anónimo articulista d’*O Primeiro de Janeiro* recorda, a propósito do achado destas sepulturas, a proximidade da necrópole romana de Penouço, em Rio Tinto, Gondomar¹², mas relaciona-as particularmente com o sítio de uma antiga ermida, dedicada a São Martinho, que a lenda e a tradição (mais que os documentos) recordam como primitiva paroquial¹³. Em abono desta possibilidade, a notícia evoca o testemunho de Pinho Leal, que propusera que a matriz tivesse tido assento original na aldeia de Luzares¹⁴, próximo do local do achado, lembrando, a propósito, a conhecida lenda do confronto entre mouros e cristãos – no século IX ou X, segundo os autores – que, na etimologia popular, «explica» a origem dos nomes do Rio Tinto, Contumil e outros.

12 SEVERO, 1905.

13 MARTINS, 1972: 7. As referências à igreja de «sancta maria», mais tarde «de canpanaam», em 1058 e 1059 (MOREIRA, 1984: p. 28) são coevas das menções a «sanctum martinum» (MOREIRA, 1971: p. 353-4), seguramente na mesma área, mas sem qualquer sugestão de que este templo tivesse precedido aquele.

14 LEAL, 1874: p. 60. Aparentemente a designação original seria *Luzazeres*, se bem que a referência mais antiga a *Luzares* seja já do século XVI. O lugar está hoje totalmente urbanizado, e apenas é recordado toponimicamente desde 2003, data em que o Município atribuiu esta designação a um arruamento da freguesia de Campanhã (CUNHA E FREITAS, 1999: 216; REIS, 2017: 658).

Assim *exumado* da imprensa diária¹⁵, este achado arqueológico constitui elemento de relevo para a arqueologia funerária medieval do espaço urbano do Porto, considerando a raridade deste género de sepulturas na cidade. Na verdade, embora os trabalhos de arqueologia urbana das últimas décadas tenham vindo a relevar numerosos contextos funerários de época moderna e contemporânea, no que se refere aos sepulcros medievais escavados na rocha, os dados disponíveis continuam a resumir-se, praticamente, ao conjunto de sepulturas relacionadas com o cemitério da Sé, topadas acidentalmente nas obras de restauro da Catedral e nos arranjos urbanísticos da sua envolvente, entre 1933 e 1940, publicitadas originalmente por A. de Magalhães Basto¹⁶ e objeto de revisão crítica moderna¹⁷.

As informações vindas a lume não permitem saber se as três sepulturas descobertas em 1943 constituíam um núcleo isolado ou – como sugere o autor dos textos do *Janeiro* – parte de necrópole mais vasta; nem tão pouco aferir a possibilidade de alguns destes vestígios terem sido conservados, mesmo que sob as edificações ou arruamentos pouco tempo depois instalados no local. Talvez um dia a arqueologia logre, finalmente, concluir o trabalho que, aparentemente, não pôde fazer naquele já longínquo ano de 1943¹⁸.

BIBLIOGRAFIA:

- [ANÓNIMO] (1943), Numa escavação, em Contumil, apareceram três pedras tumulares, *O Comércio do Porto*, ed. de 15 de março, Porto, p. 4
- [ANÓNIMO] (1943), Sepulturas antropomórficas foram postas a descoberto na CIDADE DO PÔRTO, próximo da estação de Contumil, *O Primeiro de Janeiro*, ed. de 15 de março, Porto, p. 1
- [ANÓNIMO] (1943), As sepulturas antropomórficas postas a descoberto em Contumil vieram localizar, de algum modo, a primitiva sede da freguesia de Campanhã, *O Primeiro de Janeiro*, ed. de 16 de março, Porto, p. 1
- BARROCA, Mário Jorge. (2010-2011), Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho, *Portvgalia*. Nova Série, 31-32, Porto, pp. 115-82
- BASTO, Artur de Magalhães (1933), Falam velhos manuscritos... CXVIII. Sepulturas abertas na rocha á porta da Sé, *O Primeiro de Janeiro*, 8 de setembro, Porto
- COSTA, Júlio (1991), Património Natural e Edificado. In MEIRELES, Miguel F.; RODRIGUES, Agostinho B. Vieira, *Campanhã: estudos monográficos*. Porto, Junta de Freguesia de Campanhã; Câmara Municipal, p. 244
- CUNHA E FREITAS; Eugénio A. (1999), *Toponímia portuense*, Matosinhos, Contemporânea Editora
- DORDIO, Paulo (2005), Projecto de estudo histórico e arqueológico da Sé do Porto – o cemitério. *Estudos/Património*, 8, Lisboa, IPPAR, pp. 26-34

¹⁵ Que constitui atualmente uma fonte não tão acessível como poderia supor-se, dada a rápida degradação física dos jornais dessa época, que ameaça ultrapassar temporalmente a capacidade técnica de registo digital dessas longas séries de periódicos.

¹⁶ BASTO, 1933.

¹⁷ BARROCA, 2010-2011: 166. Trabalhos arqueológicos recentes na área da Catedral, designadamente no pátio da sacristia pequena e no exterior sudeste da cabeceira do templo, exumaram significativos conjuntos de sepulturas, mas todas, incluindo as pleno-medievais, constituídas por caixas de lajes ou covachos simples (v., respetivamente, DORDIO, 2005 e OSÓRIO, SILVA, 2002). Recentemente, a descoberta de algumas sepulturas escavadas na rocha numa parcela da Rua da Bandeirinha, que os responsáveis avançam poderem ser de cronologia medieval e estar eventualmente relacionadas com a Judiaria de Monchique, abre um interessante campo de análise, mas os trabalhos estão ainda em curso, devendo aguardar-se estudo mais conclusivo (PEREIRA, 2019).

¹⁸ Recentemente, durante a discussão pública do estudo de impacte ambiental de uma obra ferroviária nas imediações, chamámos a atenção para este achado; e temos também conhecimento que um perímetro de salvaguarda será proposto no quadro da revisão do Plano Diretor Municipal do Porto, de modo a que futuras operações urbanísticas particulares ou obras de intervenção na via pública acautelem a eventual identificação de vestígios da necrópole de Contumil.

- GIRÃO, Aristides Amorim (1933), Sepulturas antropomórficas abertas em rocha, *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, Soc. Martins Sarmiento, pp. 122-124
- LEAL, Augusto B. Pinho (1874), *Portugal Antigo e Moderno. Diccionario Geographico...* Vol. 2, Lisboa, Liv. Editora de Mattos, Moreira & Comp.^a
- MARTINS, A. Tavares (1965), Paróquia de Santa Maria de Campanhã (Subsídios para uma monografia), *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, 28 (3-4), pp. 541 [publicado também em monografia, com o mesmo título]
- MARTINS, A. Tavares (1972), *Paróquia de Santa Maria de Campanhã (Subsídios para uma monografia)*, Porto, Edições «Marânus» [1966 na folha de rosto]
- MOREIRA, Domingos A. (1971), Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais. Apêndice. Lista de simples capelas e curatos efêmeros, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 34:3-4 Porto, pp. 336-417
- MOREIRA, Domingos A. (1984), Freguesias da Diocese do Porto. Elementos onomásticos alti-medievais. II Parte – Inventariação onomástica (Fascículo B-F), *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 2^a série, 2, Porto, pp. 7-86
- OSÓRIO, Maria Isabel A.; SILVA, António Manuel S. P. (2002), Arqueologia de um espaço urbano. A Casa-Museu Guerra Junqueiro (Porto): primeira notícia. In BARROS, L.; HENRIQUES, F. (coord.) – 3.^o Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Almada, 1997). *Actas*, Almada, Museu Municipal, p. 83-95.
- PEREIRA, Graça (2019), *Nota técnica. Intervenção arqueológica. Rua da Bandeirinha, n.º 40*, Matosinhos, Arqueologia e Património.
- REIS, Manuel do Carmo (2017), *Prontuário de toponímia portuense*, Vol. 2, Porto, Afrontamento.



Fig. 1: «Um grupo de pessoas observando as sepulturas». Reproduzida d'*O Comércio do Porto* de 15.03.1943.



Fig. 2: «Algumas das sepulturas antropomórficas, descobertas em Contumil». Reproduzida d'O *Primeiro de Janeiro* de 15.03.1943.



Fig. 3: Local provável do achado arqueológico na cartografia de finais do século XIX, podendo apreciar-se a natureza totalmente rural da área. Sensivelmente a sul, o pequeno lugar de Luzares; a noroeste, do outro lado da linha do «Caminho de Ferro do Minho e Douro» o lugar de Contumil (*Carta cadastral da cidade do Porto à escala 1:2.500, reduzida da carta 1:500 dirigida e levantada por Augusto Gerardo Teles Ferreira, 188?-1892; [folha] 11; AHMP*).

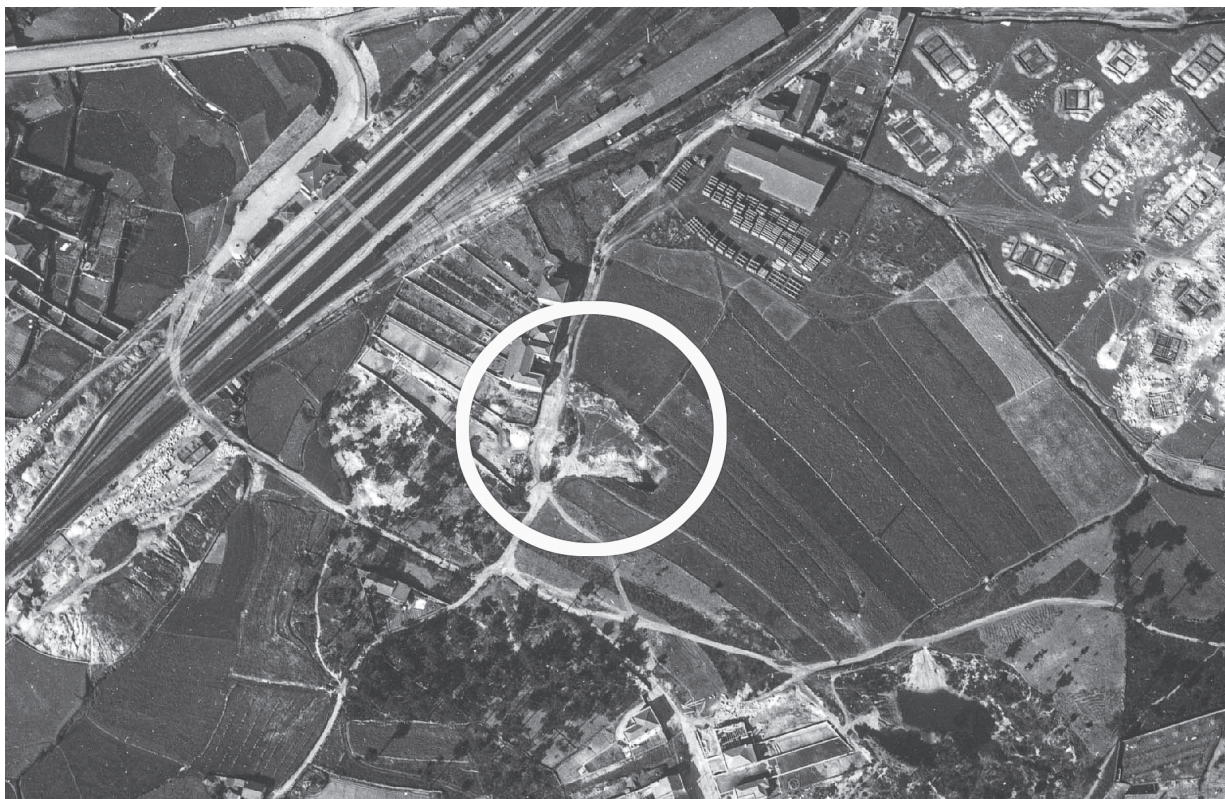


Fig. 4: Local provável do achado arqueológico na fotografia aérea da cidade de 1940, observando-se o processo de urbanização em curso (Vôo 1939: SPLAL, fiada 27, n.º 308; AHMP).



Fig. 5: Local provável do achado arqueológico na atualidade. Vista sensivelmente de noroeste. Confluência da Rua Senhora de Campanhã (em frente) com a Rua do Buçaco (eixo longitudinal). Foto: GoogleEarth.

